

Molière, o Artista da Razão

*Já morreu há três séculos
mas suas peças ainda fazem rir e chorar*

JEAN DUTOURD

HÁ SEMPRE um pouco de heroísmo em quem se arrisca a escolher a literatura como profissão, pois, de modo algum, ela assegura o pão de cada dia. Mas, o heroísmo ainda é maior quando alguém sacrifica a sua própria tranquilidade pela causa da verdade — nem sempre agradável aos homens.

A vida de Molière, um dos mais famosos comediógrafos, foi heróica nos dois sentidos.

Tinha apenas vinte anos, em 1642, quando fez saber ao pai, Mestre Jean Poquelin, o tapeceiro do rei, que não lhe sucederia na direção

do lucrativo negócio da família. Um tapeceiro real, naquela época, era muito mais do que um simples artesão; comprara um título oficial de «provisor de Sua Majestade», e podia-se dizer que tinha ascendido ao nível da burguesia.

Rejeitar uma posição tão brilhante não teria muita importância, se o jovem Poquelin, um dos mais promissores alunos dos jesuítas, escolhesse uma profissão respeitável, como a magistratura, por exemplo. No entanto, o futuro Molière não tinha essa ambição. Há alguns anos, seu avô materno, Louis Cressé, o

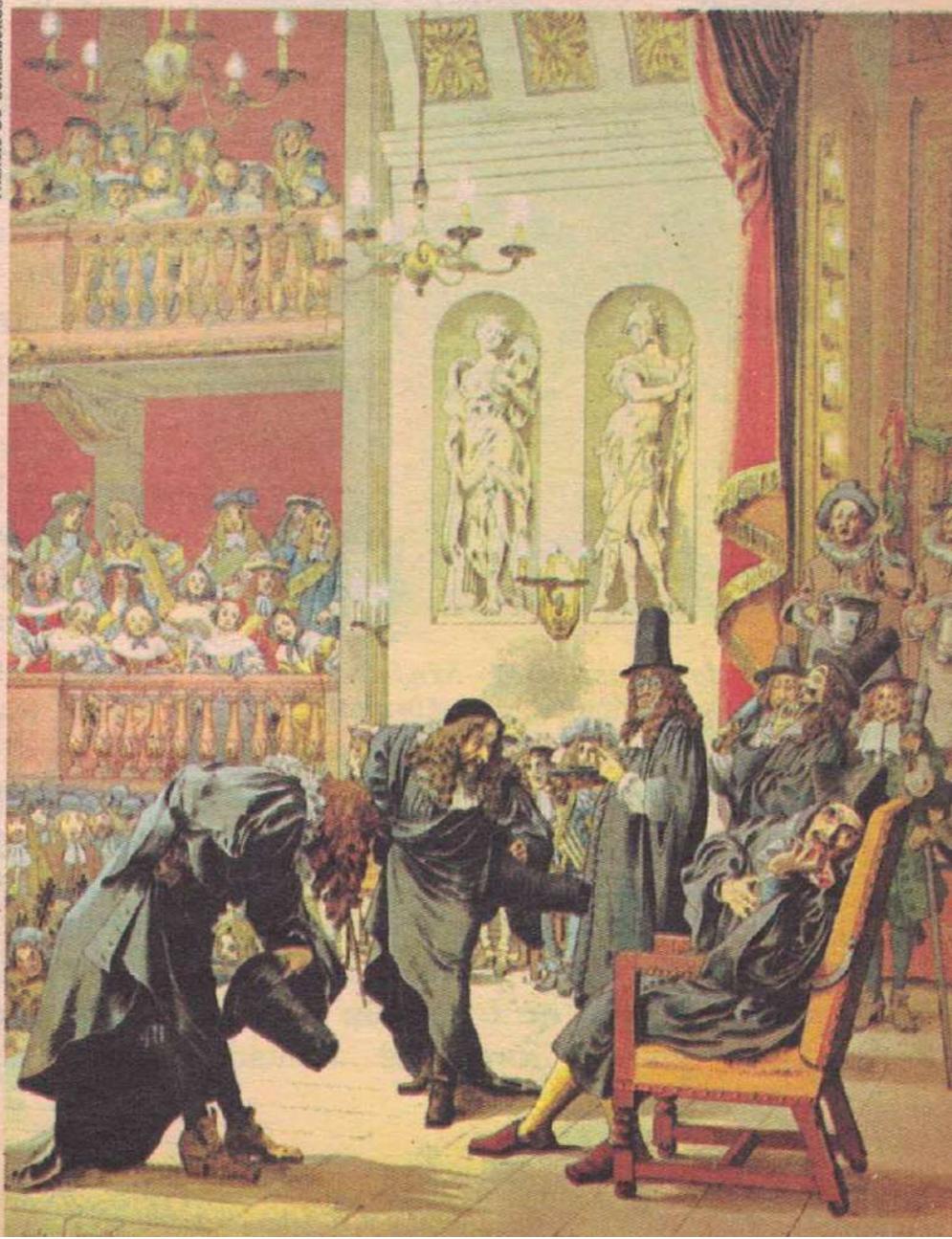
levara para ver o alegre cortejo dos menestrais do Pont-Neuf. Desde então, passou a sonhar com o teatro. Em 1642, uma idéia como aquela, na cabeça de um jovem, era uma desgraça familiar.

O velho Poquelin, com muita dificuldade, conseguiu convencer o filho a iniciar os estudos de Direito, mas sua carreira jurídica não duraria muito. Jean-Baptiste fez amizade com a divertida e extravagante família dos Béjart, e juntou-se a eles em produções teatrais amadorísticas. Acabou se apaixonando pela filha mais velha dos Béjart, Madeleine, bonita, ruiva e extrema-

mente livre, que tinha quatro anos a mais que ele. Enfurecido, o velho Poquelin cortou-lhe a mesada, e Jean-Baptiste foi obrigado a ganhar a vida como assistente de um charlatão que vendia elixires no Pont-Neuf.

Quando, em 1643, o teimoso tapeceiro, finalmente, se curvou diante do inevitável, e deu ao filho as 630 libras que lhe cabiam dos bens de sua mãe, Jean-Baptiste adotou o nome de Molière e, com Madeleine e seus irmãos, fundou o «Teatro Ilustre» numa sala alugada na Rive Gauche. Um ano depois, Molière foi preso por não pagar suas dívidas.

PALACIO DO LUXEMBURGO



Molière, no Doente Imaginário, pouco antes de sua morte. Aquarela de Maurice Leloir

Quando o libertaram, Madeleine conseguiu dinheiro, alugou um carroção para transportar seu guarda-roupa e, assim, o Teatro Ilustre percorreu as cidades da França.



COLEÇÃO DE J. KUGEL/F. FOLIOT

Armande Béjart, como Madelon, em As Preciosas Ridículas, por Abraham Bosse

Algumas vezes, ganhavam aplausos, mas, quase sempre, os espectadores açulavam seus cães sobre os atores.

Foram anos difíceis de aprendizado, mas, aos poucos, as bases da companhia se tornavam sólidas. Com grande força de vontade,

Molière venceu sua ligeira gaguez e se transformou num extraordinário intérprete, especialmente em papéis cômicos. Nos intervalos entre as excursões, escreveu suas primeiras farsas, que tiveram imenso êxito na província. Mais importante ainda, ele começou a colher material para suas futuras obras-primas.

Em 1658, o Teatro Ilustre, finalmente, retornou a Paris, com um Molière já maduro para desempenhar o papel de crítico das extravagâncias de sua época. Luís XIV, que ouvira rumores do sucesso da companhia na província, exigiu um espetáculo. E assim, a 24 de outubro de 1658, na Salle des Gardes, do Palácio do Louvre, Molière e seus colegas se apresentaram pela primeira vez diante do rei. Interpretaram *Nicomède*, do grande Corneille, e receberam modestos aplausos. Molière, então, decidiu arriscar-se, e encerrou a apresentação com um daqueles entreatos que as platéias de província adoram, *O Médico Apaixonado*. Foi um tremendo sucesso. O rei concedeu a Molière parte na exploração de um teatro, o Petit-Bourbon, para ser partilhado com outra companhia, a dos italianos. Dois anos mais tarde, Molière fez jus ao Palais Royal, onde iria permanecer para sempre.

O patrocínio do Rei-Sol, senhor da ordem e da autoridade (a última pessoa que poderia apoiar um espírito livre e atrevido como o de Molière) foi um incrível golpe de sorte. Quando Molière surgiu na cena parisiense, o rei tinha vinte anos, ainda não se esquecera da

agitação da Fronde, que tanto marcara sua infância, e estava decidido a destruir a velha sociedade feudal, anárquica e turbulenta, que tanto o aterrorizava. Molière, ao ridicularizar os vícios, abusos, excêntridades e absurdos dos senhores feudais, auxiliou-o, à sua maneira, nesse trabalho de destruição.

Com o apoio do rei, Molière derrubou a pretensiosa Associação Médica, a velha instituição dos casamentos de conveniência, dos pseudo-elegantes, dos afetados e ignorantes que tiranizavam os intelectuais, dos grão-senhores que em nada acreditavam, nem mesmo em Deus, e dos fanáticos que escondiam seu negro coração sob a capa de uma vida religiosa.

Os títulos de suas peças, *O Misanthropo*, *Escola de Mulheres*, *As Sabichonas*, *Don Juan*, *Tartufo*, *O Avaro*, *O Burguês Fidalgo*, *O Doente Imaginário*, soam aos nossos ouvidos como brincadeiras bem recebidas. Mas as vítimas do escárnio de Molière se defenderam energeticamente, e nunca hesitaram em atacá-lo.

Molière respondeu aos seus antagonistas em *A Crítica da Escola de Mulheres* e no *Improviso de Versalhes*, interpretados diante de um maravilhado Luís XIV e de uma platéia de cortesãos. Um deles, o Duque François La Feuillade, imaginou-se na pele de um personagem ridículo que repetia sem cessar: «Azedo, mas com creme». Encontrando o escritor num corredor em Versalhes, certo dia, fingiu dar-lhe um abraço; mas, na verdade, fez com que os

pontiagudos botões de seu gibão cortassem o rosto de Molière, até que escorresse sangue, e começou a gritar: «Azedo, mas com creme, Molière, azedo, mas com creme!»

COLEÇÃO DE J. KUGEL/F. FOLIO



Molière, como Mascarille, em *As Preciosas Ridículas*, por Abraham Bosse

O influente pregador religioso Bourdaloue, de seu púlpito, denunciou o teatrólogo, e o Arcebispo Perefice advertiu contra «essas perigosas comédias que são uma ameaça à religião». Molière adiou por muito tempo sua resposta, mas ela, final-

COLEÇÃO PARTICULAR — SRD/J. P. GERMAIN-SPADEM, PARIS

mente, apareceu em *Tartufo*, o retrato de um indivíduo astuto, fingido e perverso que, desde então, se tornou o modelo da hipocrisia. Proibida duas vezes, devido às pressões do Arcebispo de Paris, a peça foi afinal liberada por Luís XIV, na condição de que Molière acrescentasse um epílogo elogiando o monarca. Quando *Tartufo* foi publicada, em agosto de 1667, um homem chamado Roullé distribuiu um panfleto no qual exigia que o autor fosse «queimado vivo».

Os inimigos de Molière não tinham escrúpulos, e estendiam seus ataques à vida privada do comediógrafo. Em 1662, aos quarenta anos, Molière cometeu o maior erro de sua vida, ao se casar com uma jovem com metade de sua idade, que conhecera durante as excursões do Teatro Ilustre. Numa temporada em Nîmes, em 1651, Madeleine Béjart apresentara a seus colegas uma garota de cerca de dez anos, viva, espirituosa e inteligente. Madeleine a apresentou como sua irmã Armande, que era criada por uma ama da região. Sur-



Na presença de nobres da Corte, Molière janta

preendidos por esta súbita aparição, os atores se convenceram de que ela era filha ilegítima de Madeleine, e que vinha sendo criada em segredo. Quando, dez anos depois, Armande e Molière se casaram, os fofoqueiros ainda foram mais longe, e espalharam



com Luís XIV, por Jean Hegesippe Vetter

cebeu vários protestos, que o conclamavam a tomar providências contra seu «escandaloso» protegido. Mas Luís XIV nunca o abandonou. Numa extraordinária demonstração de confiança em Molière, a 20 de julho de 1664, fez questão de ser padrinho do primeiro filho do escritor.

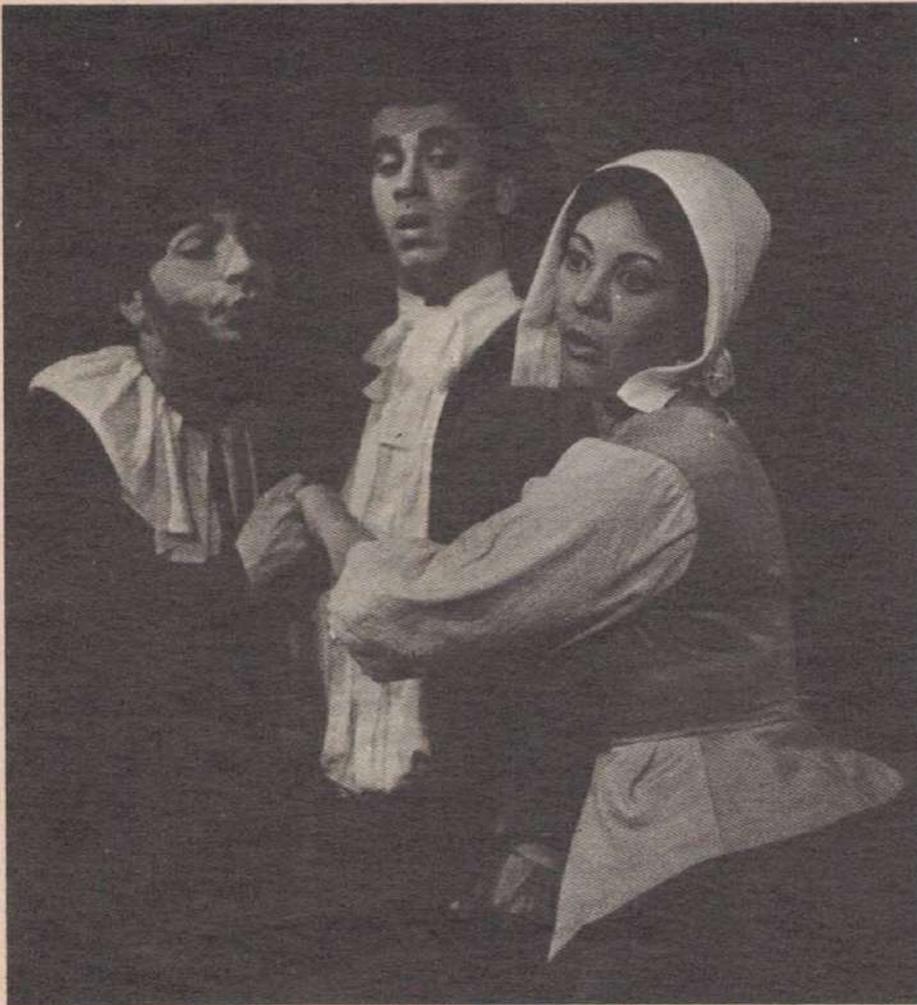
Molière tinha atingido o auge da fama. Assim como o século XX se identifica com o chapéu-coco, bengala e bigodinho de Carlitos, o século XVII transparece nos babados e na grande barba preta de Sganarelle, nos dourados de Monsieur Jourdain e na touca de dormir de Argan.

Mas as traições de seus inimigos tinham agastado Molière. Além disso, seu casamento fora um desastre. A adorável Armande vivia em flagrante adultério com

em Paris o boato de que Molière tinha se casado com sua própria filha.

Sobre o assunto, escreveu-se um folheto obsceno, chamado *A Famosa Atriz*, e até uma peça, com o título de *Élomire* (evidente anagrama de Molière) *Hipocondríaco*. O rei re-

outro homem. No personagem de Arnolphe, traído por Agnes, a jovem aluna que ele quer esposar, em *Escola de Mulheres*, Molière narrou o seu verdadeiro drama. Fingia alegria, mas, no fundo, seu coração estava despedaçado. Mais ainda,



Carmen Sylvia Murgel, Napoleão Muniz Freire e Paulo Nolasco em «O Médico à Força», encenado no Rio de Janeiro em 1962

seus detratores diziam que os dez conselhos que Arnolphe dava a Agnes parodiavam os Dez Mandamentos, e que a peça era sacrílega.

Em seu último retrato, pintado naquela ocasião por Pierre Mignard, o olhar de profunda melancolia de Molière está bem visível. Tornou-se ranzinza e, aos poucos, foi dominado pela misantropia que, dali para frente, iria refulgir em suas farsas mais engraçadas. Alfred de Musset falou com acerto de «sua masculina alegria, tão triste que se poderia chorar sobre o que, há pouco, nos tinha feito rir».

Esta melancolia, ou hipocondria, como foi então chamada, acentuou-se com a idade. Cada vez mais, Molière se tornava uma personalidade dividida: alegre e barulhento no palco, retirado e meditativo na sua casa-de-campo em Auteuil, onde não recebia ninguém, exceto alguns amigos fiéis como Boileau, Mignard ou Chapelle.

Deste período, no entanto, apesar da «negra depressão» de que era vítima, datam algumas das suas peças mais belas, profundas e ousadas: *As Sabichonas*, *O Misanthropo*, *Don Juan*,

O Avaro, *As Artimanhas de Escapino* e, finalmente, *O Doente Imaginário*, no qual, mais uma vez (a última), ele ataca a presunçosa incompetência dos médicos de sua época.

Todos conhecem a história da morte de Molière: no fim de sua quarta interpretação de *O Doente Imaginário*, no momento em que, no papel de Argan, ele fazia um médico de bobo; o ator sofreu um ataque e emitiu um gemido que seus companheiros no palco tomaram por um sublime realismo interpretativo. De fato, Molière rapidamente se recuperou, com um

As ligações de Molière com o Brasil começaram quando o brasileiro Alexandre de Gusmão, em 1737, traduziu uma de suas comédias, representada em Lisboa nesse mesmo ano. No século passado, Martins Pena escreveu a farsa *A Família e a Festa na Roça*, até há pouco aceita como obra original. Descobri, porém, que se tratava apenas de uma adaptação de *L'Amour Médecin*, de Molière.

Outro grande autor brasileiro, Artur Azevedo, nos fins do século passado, resolveu traduzir algumas comédias de Molière, talvez por achar pouco satisfatórias as traduções já existentes. Uma das traduções de Artur Azevedo, a de *Sganarelle, ou Le Cocu Imaginaire*, foi representada no Teatro Recreio Dramático, em 1889, pouco antes da proclamação da República. O imperador Pedro II esteve presente, gostou muito e pediu ao tradutor uma cópia de seu trabalho. Traduziu também *A Escola de Maridos*, igualmente representada, e morreu deixando interrompida a tradução de *Tartufo*.

Por influência do sucesso das representações, em francês, de Louis Jouvet e Madeleine Ozeray, no Municipal, do Rio, durante a última guerra, alguns dos maiores artistas brasileiros se voltaram para o teatro de Molière. Procópio Ferreira, com sua filha, Bibi, apresentou em 1944 *A Escola de Maridos* e a seguir *O Avaro*. Jayme Costa apresentou *O Médico à Força*, e o novo grupo teatral *Os Comediantes*, que surgiu em 1945 como uma das forças renovadoras do teatro brasileiro, encenou *A Escola de Maridos*, no texto de Artur Azevedo. O poeta Carlos Drummond de Andrade traduziu, para *O Tablado*, a farsa *Les Fourberies de Scapin*. Há pouco, Procópio reviveu *O Avaro*, dirigido pelo *metteur-en-scène* francês Henri Doublier. Êxito igual, senão maior, foi o de Paulo Autran, em *O Burguês Fidalgo*, em adaptação de Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), em linguagem viva, atual, pontilhada de gíria carioca.

R. Magalhães Júnior, Presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

grito de alegria. Mas, quando a cortina caiu, desmaiou e foi levado para seu apartamento na Rue de Richelieu. Algumas horas mais tarde, nessa noite de 17 de fevereiro de 1673, o mundo perdia um dos maiores comediógrafos de sempre.

Três séculos já se passaram, desde então, mas a estrela de Molière continua brilhando. Caso único entre

os grandes escritores franceses, Molière tem um «templo» a ele dedicado, a Comédie Française, e uma companhia de «padres» rezando uma perpétua missa por sua alma. Contra os costumes de seu tempo, Molière lançou o desafio do Bom Senso. Lutou com a bravura de um Murat. E até, como um herói, morreu no «campo de batalha».